

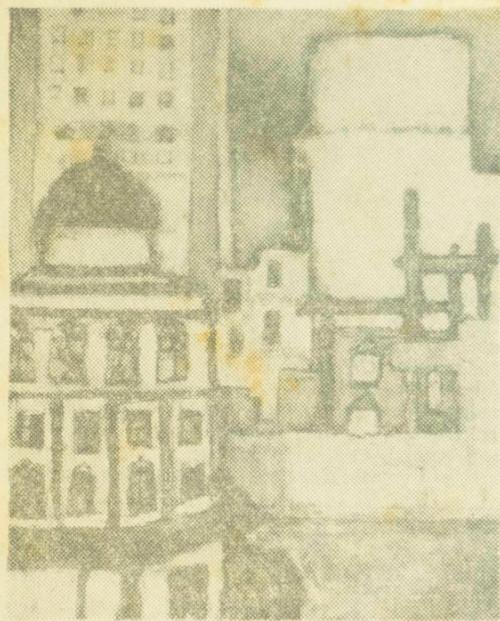
JORNAL: O Globo LOCAL: Quaracaram
DATA: 1 11960 AUTOR: Vera Pacheco Jordão
TÍTULO: Notícias
ASSUNTO: J. de Lima no IBEU cita Ivan.

Coluna de ARTES PLÁSTICAS

★ VERA PACHECO JORDÃO ★

Leonello Berti

★
Leonello Berti compôs assim esta noite do Largo da Carioca, figurando no primeiro plano o edifício em que por quase trinta anos esteve localizada o GLOBO



HÁ MUITO tempo não ia à galeria Barcinski. Da última vez, lá estavam os quadros de Manabu Mabe, com sua riqueza puramente pictórica criando um ambiente de ressonâncias poéticas. Agora, encontrei ali os quadros de Leonello Berti criando uma atmosfera tensa, carregada de electricidade; não é, entretanto, a atmosfera dramática que precede o desencadear das tempestades (Berti é o oposto do Romântico), mas a descarga seca, como de fios de alta tensão.

O jovem pintor italiano — que iniciou seus estudos na Academia de Florença e foi discípulo de Rosai — faz da criatura humana o seu tema principal. A não ser dois quadros de flores, e algumas sólidas paisagens urbanas, é a figura humana que enche todas as telas, mal deixando espaço para o fundo, chegando a transbordar do quadro, como se este fôsse demasiado pequeno para conter tão grande realidade.

Estranhos são os seres que ali gesticulam ou fixam-se em imobilidade de corpos sem alma: na vida civil seriam homens de negócios, mulheres elegantes, padres, solteironas devotas; mas a veia sarcástica do pintor arrancou-os do cotidiano para precipitá-los numa realidade fantasmagórica.

E com que sábia economia de recursos consegue o pintor essa transfiguração: sua forma é quase esquemática, raramente descendo ao detalhe, marcando apenas aquilo que tem caráter expressivo; sua matéria é propositadamente seca, sem brilho, dando mais impressão de afresco que de pintura a óleo; os fundos são brancos ou neutros, trabalhados apenas por emaranhados de linhas recortadas na tinta; sua gama de cores é pouco extensa, predominando — além do preto e branco — o amarelo, em tonalidades que vão até o verde.

Impressionada com o efeito dramático do amarelo, tal como Berti o emprega, consultei a teoria das cores elaborada por Kandinsky ("Du Spirituel dans l'Art") e encontrei o seguinte: "Quando tentamos tornar mais frio o amarelo — cor tipicamente quente — ele toma um tom esverdeado, um caráter doentio, quase sobrenatural, semelhante a um homem transbordante de energia e de ambição mas paralisado pelas circunstâncias exteriores".

Como todos sabem, Kandinsky declara que suas afirmações sobre as potencialidades das cores são "o resultado de impressões síquicas inteiramente empíricas e não se baseiam sobre qualquer dado científico positivo". Entretanto, a cinqüenta anos de distância, a sensibilidade do jovem pintor figurativo coincide com a do criador do abstracionismo.

Pela sábia utilização dos recursos pictóricos, Berti foge à ameaça que está sempre à espreita da pintura figurativa: a de enlevar-se pelo tema e nele se perder. Seus quadros mais fortes são elementos de choque, agindo diretamente sobre o espectador, antes mesmo que ele se dê conta do tema e analise sua interpretação.

Berti se considera pintor "realista"; eu o colocaria antes entre os expressionistas, aqueles que submetem forma e cor à função expressiva. Mas, para não metê-lo à força em nenhum compartimento, direi que é um filhote da ilustre linhagem de Goya e de Daumier.

Esperemos que os amadores de PINTURA, aqueles que não confinam sua admiração a uma ou outra corrente determinada, apreciem a obra de Leonello Berti em seu valor atual e suas perspectivas de futuro.



Leonello Berti submete forma e cor à função expressiva

Notícias

Encerra-se na próxima sexta-feira, dia 18, às 21 horas, a exposição de gravuras de José Lima, no Instituto Brasil-Estados Unidos.

José Lima nasceu em 1934, em Recife. Estudou gravura com Orlando da Silva no Liceu de Artes e Ofícios, onde continua a aperfeiçoar sua arte. Frequentou o curso de Friedlander como bolsista no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e também estudou pintura com Ivan Serpa.

Já expôs em várias mostras coletivas no Liceu de Artes e Ofícios, no salão de gravura do jornal "Para Todos", no Salão de Arte Moderna de 1958, onde obteve o prêmio "Escolinha de Arte do Brasil", no Salão de Arte Moderna em 1959, na V Bienal de São Paulo, Salão da Estrada, exposição de gravuras organizada pela revista "Leitura" para percorrer o Peru, Colômbia e Venezuela, e na exposição organizada pelo Itamarati, de artistas brasileiros para percorrer a Europa. Recentemente vendeu gravuras para o Museu de Munique.

Arquitetos Britânicos em Brasília

LONDRES, (B.N.S.) — Dois arquitetos britânicos passarão dois anos em Brasília, com uma bolsa de estudos da Fundação Levertulme. Iniciarão sua estada no ano próximo, quando a sede do Governo brasileiro for transferida.

A notícia acima foi comunicada na noite do dia 8 de dezembro, nesta capital, por Sir Miles Clifford, diretor da Fundação.

Sir Miles propunha na ocasião um voto de agradecimento a Sir William Holford, Professor de Urbanismo da Universidade de Londres, que havia pronunciado uma conferência sobre Brasília no Real Instituto de Arquitetos Britânicos.

Será criado de imediato uma comissão para escolher os arquitetos e estabelecer os detalhes do plano.

Sir William Holford, que foi um dos juizes encarregados da seleção do plano-piloto de Brasília, declarou que o projeto da nova capital brasileira é uma das maiores aventuras arquitetônicas e que Brasília é um símbolo do mesmo espírito de aventura dos tempos da Rainha Elizabeth I da Inglaterra. Em dois anos e meio de trabalho, já há noventa mil casas habitáveis na cidade.

Sir William é de opinião que ainda é demasiado cedo para se fazer um julgamento sobre o êxito ou o fracasso do empreendimento. Acredita, porém, que o verdadeiro valor consiste na iniciativa demonstrada pelo Brasil ao lançar-se a essa empresa

★ ★ ★

COMENTÁRIO: "Noventa mil casas habitáveis em Brasília", e nós aqui não estamos sabendo disso. Será que o espírito esportivo dos ingleses considera habitáveis os barracos da Cidade Livre? Ou devemos empregar aquela expressão intraduzível, wishful thinking?

UM PAINEL PARA BRASÍLIA

O pintor equatoriano Guayasamin, cujo retrato do Sr. Juscelino Kubitschek, divulgado na primeira página de O GLOBO de anteontem, foi comentado por toda a cidade, é um entusiasta de Brasília. Isso mesmo teve oportunidade de dizer ao Presidente da República, que ouviu a declaração com compreensivo júbilo e aceitou o oferecimento de Guayasamin, que se propunha a fazer um painel para Brasília. Seria, disse o Sr. Juscelino Kubitschek, uma homenagem da pintura latino-americana à nova capital.